

18

2 0 1 8

**Revista
de História
da Sociedade
e da
Cultura**

CENTRO DE HISTÓRIA
DA SOCIEDADE E DA CULTURA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

JOHNSTON, Michael, VAN DUSSEN, Michael (eds.) (2016). *The Medieval Manuscript Book: Cultural Approaches*. 3.^a ed. Cambridge: Cambridge University Press, 302 pp., ISBN: 978-1-107-06619-9.

Com a chancela da prestigiada editora Cambridge University Press foi publicada, em 2015, a monografia intitulada *The Medieval Manuscript Book: Cultural Approaches*, neste momento na sua 3ª edição. É justamente esta edição (2016), que serve de base às observações que se seguem.

A obra em questão resultou da iniciativa conjunta de dois académicos: M. Johnston, professor associado da Universidade de Purdue (EUA), um especialista na circulação de livros manuscritos ingleses quinhentistas; e M. Van Dussen, professor associado da Universidade de McGill (Canadá), um estudioso da comunicação no mundo latino ocidental. Os dois editores reuniram um conjunto de treze autores de várias proveniências, não obstante um assinalável protagonismo anglo-saxónico. O resultado deste esforço traduziu-se num conjunto heterogéneo de reflexões, tendo por denominador comum o tópico do livro manuscrito (adiante, L. Mss.), ponto de convergência de numerosas disciplinas, como as ciências históricas, os estudos literários, a codicologia e a paleografia. O propósito da iniciativa foi claramente animado pela intenção de contribuir para reavaliar algumas das metodologias tradicionalmente usadas no estudo do tema, havendo ainda a ambição de colocar no centro da discussão teórica algumas questões práticas, suscitadas pela emergência de novas realidades.

Do ponto de vista estritamente formal, a monografia, composta por cerca de 300 páginas, abre com um índice de conteúdos, ao que se seguem duas breves listas (uma de ilustrações, outra de notas biográficas dos colaboradores) e uns sintéticos agradecimentos. Sucodem-se os treze capítulos que constituem o núcleo da obra, o primeiro dos quais corresponde à introdução. Sem surpresa, ficou a cargo dos editores, sendo substancialmente programática nas suas intenções. A preocupação foi delimitar conceptualmente os campos cronológico e de ação da obra, construída em torno dos mss. produzidos entre os anos de 1100 e 1500, à luz das suas relações, múltiplas, com a história cultural; aliás um programa de investigação expresso com notável concisão no título.

Os pressupostos subjacentes a esse entendimento foram três: 1) sublinhar a singularidade de cada exemplar mss., contrastante com a indiferenciação típica do exemplar impresso; 2) valorizar o ciclo de vida completo dos mss., incluindo o seu uso e receção, e não apenas os fenómenos ligados à sua produção; 3) anotar as dinâmicas de descentralização da produção livreira,

com a entrada em cena de uma microcultura urbana feita de artesãos especializados, muitos dos quais ligados aos nascentes circuitos universitários.

Um dos principais núcleos de interesse da obra, em redor do qual se organizaram vários dos estudos nela vertidos, é a posição (no limite, quase revisionista) de vários dos colaboradores, enfatizando a necessidade de se atender, no estudo do L. Mss., às diferentes fases da sua multissecular existência. Em causa está, pois, uma modificação da abordagem heurística tradicional. Por exemplo, para J. T. Knight a análise dos mss. medievais carece de uma reorientação, que modifique o foco desde a produção livreira para a organização livreira, no pressuposto de que os catálogos de livrarias, as prateleiras, as encadernações e as relações intratextuais entre objetos constituem aproximações úteis para aceder ao material escrito (cap. 5). Na mesma direção, S. G. Nichols postula que o objetivo da análise dos mss. não deverá passar unicamente por encontrar o arquétipo original do texto fundador, mas por valorizar as adições e intervenções sucessivas que o texto sofreu no decurso do tempo (cap. 3).

Um outro ponto importante, não descurado na obra, é a questão das transições, em particular o avanço tecnológico motivado pela entrada em cena da imprensa. Uma ideia importante, defendida pelo referido J. T. Knight, é a existência de um terreno comum partilhado pela cultura dos livros mss. e pela cultura dos primeiros livros impressos (cap. 5). Noção recuperada e atualizada por M. K. Foy, sugerindo que se atravessa hoje uma «Idade do Incunábulo Digital», propondo uma analogia entre o momento atual e a fase de transição do L. Mss. para o livro impresso, quando durante um curto tempo se conservaram inalteráveis a forma e a função do objeto, apesar da dramática aceleração dos mecanismos de produção (cap. 7).

Na obra, há ainda espaço para o inevitável elogio da interdisciplinaridade, através do apelo dirigido aos estudiosos de literatura medieval por K. Kerby-Fulton para que se consciencializem de que os seus interesses se intersectam com os de outros especialistas, particularmente paleógrafos e codicólogos. Para a autora, estes não são meros técnicos especializados, mas frequentemente pensadores conceptuais criativos; e, como tal, colaboradores indispensáveis para a ampliação do entendimento acerca da história do L. Mss. (cap. 13). Também não é ignorada a discussão que se adensou no final da Idade Média, levando à revisão das noções de autores e de *auctoritates*. A. Taylor reflete precisamente sobre o princípio desse movimento de afirmação individual, assente na construção duma identidade pública do autor – a que chamou «autoria vernacular» –, cujos pioneiros foram Dante, Petrarca e Bocácio e, fora de Itália, J. de Meung, J. Gower e Chaucer (cap. 11). No outro extremo do processo, a perspetiva dos leitores e o seu contributo para a história do manuscrito medieval ficou a cargo de P.

Bourgain, sublinhando a busca pelo conhecimento como um dos mais poderosos impulsos para a produção e circulação manuscrita na Idade Média (cap. 8).

Por sua vez, das relações linguísticas e culturais entre blocos e da sua influência recíproca ocuparam-se K. Busby e C. Kleinhenz, ensaiando uma comparação entre as literaturas medievais francesa e inglesa (cap. 12), tal como fez L. Doležalova, ao propor uma valorização das abordagens multilíngues dos textos que as tolerem, em detrimento das monolíticas abordagens nacionalistas (cap. 9).

Muito interessante, ainda que pouco assinalada entre os estudiosos, é a chamada de atenção feita por S. Echard acerca das diferentes práticas bibliotecárias e arquivísticas que, motivadas por idênticos objetivos de clareza académica, preservação e facilidade de acesso, não deixam de condicionar e determinar os encontros dos estudiosos com os seus materiais, chegando nesse processo a modificar os mss., condicionar o seu acesso, determinar o que se pensa deles e influenciar decisivamente a forma como são usados (cap. 6). Igualmente estimulante é a proposta de E. Kwakkel, enfatizando a informação contida nos códices, nomeadamente os dados embebidos na materialidade do próprio objeto, sugerindo que os materiais e instrumentos usados para criar, suportar, guiar, localizar e clarificar as palavras são fonte de informação e, em certo sentido, tão importantes para o estudo do livro como as próprias palavras fixadas no texto (cap. 4).

Em balanço, a publicação do volume constituiu um ato muito meritório, malgrado algum desequilíbrio nos contributos autorais, o que poderá considerar-se uma quase inevitabilidade numa obra com as características da presente: compósita, fragmentária e parcelar. Mas é curiosamente nessas suas características, que simbólica e paradoxalmente espelham o seu objeto de estudos – se há algum objeto que é por definição compósito, fragmentário e parcelar esse objeto é o códice medieval –, que o livro extrai a maior parte da sua força e interesse. As junções e disjunções dos treze temas trabalhados, com as diferentes combinatórias e alinhamentos permitidos aos seus leitores, conseguem o feito de produzir, por si mesmos ou combinados, novas possibilidades interpretativas, abrindo novos campos de pesquisas que merecem ser testados. Nessa medida, o estudo cumpre os seus objetivos iniciais: interpelar o leitor, convidar à reflexão, sugerir pistas de investigação, refrescar abordagens tradicionais, veicular novas práticas de trabalho; assim recompensando o leitor ávido, como o especialista diligente.

ARMANDO NORTE

CHSC – U. Coimbra; CHUL – U. Lisboa
armandonorte@gmail.com